

Tancredo, um capítulo à parte

Fotos: Davi Zocoli

Ex-presidente eleito, que não tomou posse por causa de doença que o levou à morte, é lembrado com muito carinho pelos vizinhos

Uma pessoa de hábitos simples, tranqüila e carismática. Essa é a imagem que os moradores da 206 Sul têm de Tancredo Neves. O pouco tempo de convivência com o político mineiro foi suficiente para que a comunidade local o idolatrasse. O momento era de *frisson* todas as vezes que era visto na quadra. Crianças e adultos o abordavam em busca de uma palavra, um gesto, uma fotografia, um autógrafo. Até o fim de seus dias, Tancredo recebeu o carinho dos vizinhos.

Para Tancredo, eles prepararam uma festa especial. Queriam comemorar a posse do então recém-eleito Presidente da República. “Reze por mim, porque vou assumir muita responsabilidade”. A frase ficou marcada na mente do médico aposentado José Jovita Mello, 68 anos, vizinho de porta de Tancredo Neves na 206 Sul. Já eleito presidente, Tancredo se encontrou com Jovita no prédio onde moravam e fez o pedido ao vizinho. Foi prontamente atendido, mas Tancredo morreu antes de assumir a chefia do Executivo.

Uma outra expressão emblemática de Tancredo, da qual Jovita não se esquece nunca, é quando o médico chamava a atenção do político sobre o dia-a-dia agitado que levava. “Eu dizia a ele para descansar um pouco e ter cuidado com a saúde. Ele, então, respondia: “Meu filho, tenho a eternidade para descansar”, conta, emocionado, o médico aposentado.

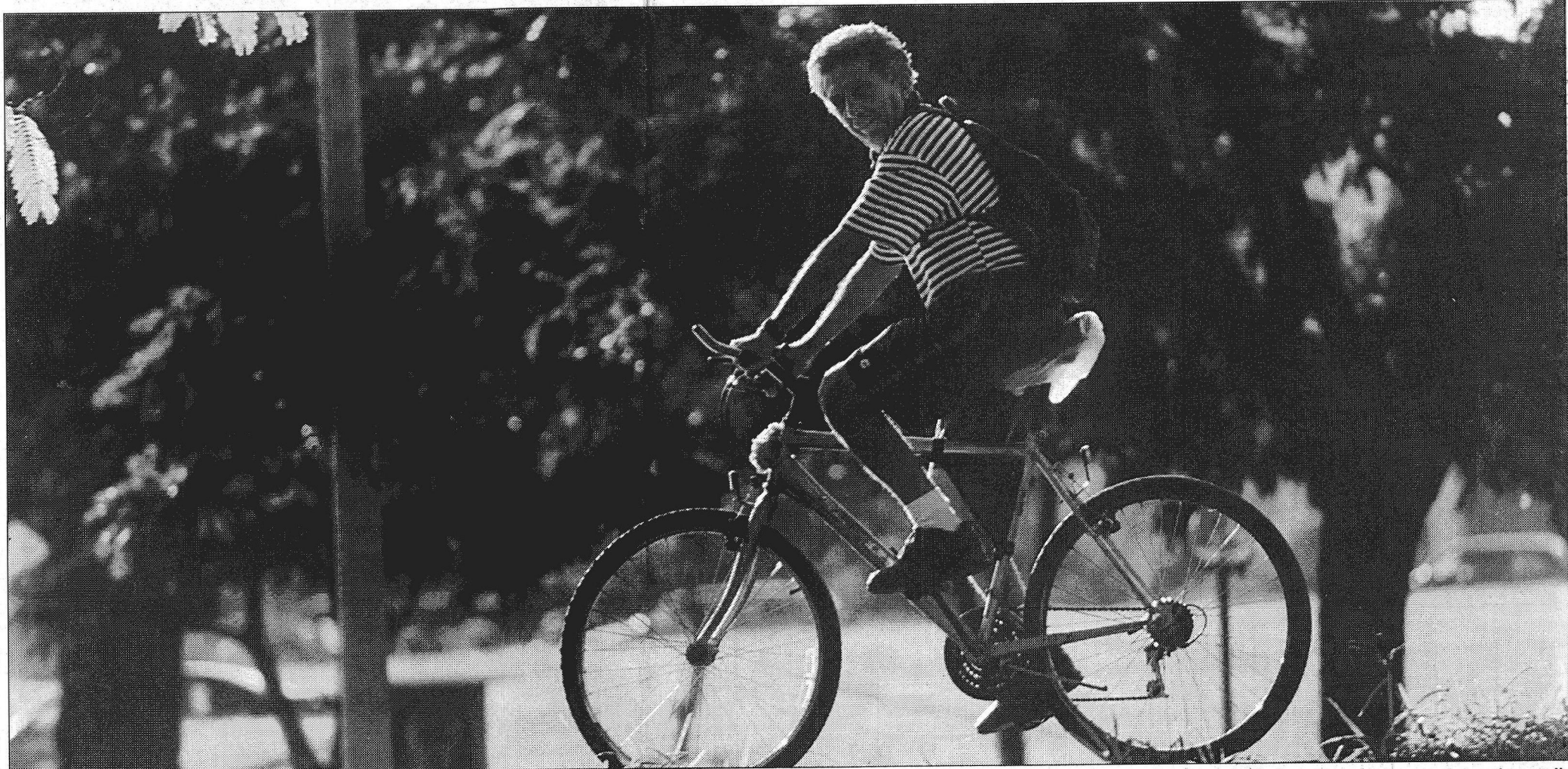
Para José Jovita, Tancredo era sinônimo de simplicidade. “Às vezes, quando ele descia do carro e trazia algum embrulho, fazia questão de carregá-lo. Também não esperava o motorista abrir a porta”, conta o médico aposentado, que ainda hoje vive no mesmo apartamento, no bloco J, de quando era vizinho de Tancredo. Muitas vezes, quando ia colocar alguma coisa na área de serviço, se deparava com Tancredo fazendo refeições na cozinha, com a porta entreaberta.

“Ele não gostava de comer em sala de jantar. Com o Aécio (filho), ele fazia suas refeições numa pequena mesa na cozinha. Seu prato preferido era frango ao molho”, revela. Diz ainda que Tancredo nunca usou o elevador privativo. “Era sempre o de serviço, junto com os outros moradores do prédio”, garante Jovita. Quando veio para a superquadra, em 84, Tancredo morava com o filho Aécio e um mordomo. Dona Rizoleta, esposa dele, viria depois da posse.

No dia de receber o cargo, Tancredo saiu para assistir à missa na igreja Dom Bosco, se sentiu mal e, ao invés de ir para o Congresso Nacional, para a posse, foi ao Hospital de Base de Brasília. Não teve tempo de ver a festa, com faixas, cartazes e fogos de artifício, que os vizinhos e amigos da 206 Sul haviam preparado para ele.

MÁRCIA DELGADO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA



Manoel, sempre com sua bicicleta, conta que teve de invadir o apartamento onde mora atualmente: “O grupo de trabalho entregava as unidades para ministros dos tribunais”.